

Crise afeta toda a América Latina

Geraldo Magela

A crise por que passa o Brasil afetará as economias de toda a América Latina, sobretudo as da Argentina e Uruguai, disse ontem o secretário-executivo da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), José Antonio Ocampo. Ele acredita, porém, que após um período duro de adaptação, as possibilidades de expansão econômica melhoram para toda a região. "O pior para a América Latina é um Brasil estagnado", observou.

Na análise do secretário-executivo da Cepal, a adoção pelo Brasil do regime de livre flutuação cambial abre espaço para uma queda mais significativa das taxas de juros. "O problema de um câmbio fixo é que ele sobrecarrega demasiadamente as taxas de juros", disse. "Isso, além de gerar recessão, põe em risco os sistemas financeiros domésticos".

Ele lembrou que, em 97 e 98, o Brasil procurou controlar os efeitos da crise financeira internacional elevando as taxas de juros, o que se mostrou insuficiente. "Para a região como um todo, a decisão (de adotar o câmbio flutuante no Brasil) é positiva", disse.



JOSÉ Antonio Ocampo: pior para a região é o Brasil estagnado

A Cepal havia projetado uma taxa de variação do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 1% negativo para este ano. "Era uma estimativa otimista, agora é mais factível", comentou. Já para a Argentina, a projeção era de um crescimento de 1,5%. "Não vai se cumprir", disse Ocampo. Ele explicou que, para reduzir o peso dos juros sobre a economia, é necessário um ajuste

fiscal e um manejo ativo da taxa de câmbio. Na área fiscal, acredita, o Brasil caminha bem.

Pacote

Ocampo lembrou que o pacote anunciado pelo governo em outubro passado está praticamente todo aprovado pelo Congresso e que há empenho, não só do presidente Fernando Henrique Cardoso, mas também dos

deputados e senadores, para adotar as medidas necessárias, ainda que difíceis. Ocampo defendeu a preservação da abertura comercial na região, lembrando que todos os investimentos diretos de longo prazo feitos na América Latina nos últimos anos levaram em conta a manutenção da abertura comercial.

Ele lembrou, ainda, que a nova política cambial abrirá espaço para a economia brasileira crescer, o que poderá trazer efeitos benéficos para os países vizinhos. "Muito mais importante que a taxa de câmbio é a atividade econômica dos parceiros comerciais", disse.

O secretário-executivo da Cepal comentou, ainda, a proposta argentina de unificação monetária com os Estados Unidos. "A margem de se adotar alguma política anticíclica por meio das taxas de juros acaba", observou. Ele lembrou que o Panamá já adotou o dólar americano como moeda corrente. No entanto, acredita, o continente americano está "muito longe" de uma discussão de unificação de moedas como a que ocorre na Europa.